

Beth Brait  
bbrait@uol.com.br

## Interação, práticas de linguagem e construção do universo social

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à organização deste congresso o convite para participar, juntamente com destacados pesquisadores do Brasil e do exterior, deste momento privilegiado para se discutir caminhos teóricos e metodológicos que envolvem linguagem e interação em diferentes realidades sociais, a partir de diversos campos de conhecimento. Na condição de lingüista, de analista do discurso que se interessa pela interação enquanto dimensão discursiva, é sem dúvida uma honra assumir a condição de debatedora de Marjorie Goodwin, pesquisadora que, há anos, desenvolve, sob a perspectiva de uma lingüística antropológica, um trabalho em que a interação é focalizada a partir das práticas de linguagem e da maneira como essas práticas atuam na construção do universo social.

Portanto, para mim é uma honra poder estar nesta mesa.

Os trabalhos de Marjorie Goodwin, e é necessário falar rapidamente deles para situar a apresentação e os debates que ela pode suscitar, têm uma história sólida que começa na década de 1980 e que não se interrompe até hoje, como se pode constatar por sua extensa produção bibliográfica. Desde os anos 1980, portanto, seus diversos projetos envolvem uma árdua pesquisa que, diferentemente das perspectivas psicológicas produzidas em laboratórios, tem como objetivo observar *in loco* interações que se dão em espaços cotidianos, caso de *playgrounds*, pátio de escolas, convívio familiar, espaços de trabalho. A documentação resultante dessas interações inclui gravações em vídeo, feitas ao longo de dias, semanas, meses, que implicam muitas horas de gravação e que se juntam a muitas entrevistas. A enorme quantidade de dados, acumulados em função dos diversos projetos, tem servido para a descrição minuciosa de interações face-a-face, incluindo, o que é muito importante, não apenas a dimensão verbal mas também a dimensão não verbal, especialmente a corporal, considerada constitutiva da interação, das práticas de linguagem e da forma como essas práticas, essas interações, contribuem para a construção da organização social e das identidades.

Naturalmente, o que se percebe nesse conjunto é que a motivação básica da pesquisadora, seu interesse

principal, é observar como a atividade humana, ou diferentes atividades humanas, assim como as formas básicas da sociabilidade e, conseqüentemente identidades, são co-construídas nas interações. Destaco aqui alguns momentos dessa pesquisa, dessa reflexão em torno de interações e das formas de linguagem que as compõem para mostrar o interesse e o alcance desse trabalho e o diálogo que ele pode suscitar com outras perspectivas teóricas e metodológicas, em função, naturalmente, de sua produtividade, de sua importância.

A análise de interações protagonizados por meninas, por exemplo, me parece um dos lugares privilegiados dessa pesquisa, na medida em que a pesquisadora desmonta ou desmistifica visões sobre práticas linguageiras, práticas culturais protagonizadas pelo sexo feminino e que, vistas de perto, demonstram que a fala feminina, as práticas interativas femininas incluem aspectos que um olhar menos agudo atribuiria unicamente ao universo masculino. Isso se dá em vários momentos da pesquisa, envolvendo jogos, como é o caso do jogo da amarelinha, o “pular cordas”, a conquista de um espaço feminino no jogo de futebol e especialmente os nos rituais de degradação providos por meninas.

Destaco aqui, por várias razões, primeiramente a descrição que ela faz do “jogo da amarelinha” (*hopscotch*) como uma interação exemplar, prototípica de um jogo de meninas, diferenciado de qualquer outro jogo. Como sabemos, a *amarelinha* é um jogo infantil que consiste em pular num pé só sobre casas riscadas no chão, exceto aquela em que cai a pedra que marca a progressão do jogador. Criticando as posições dos que vêm nesse jogo apenas regras mecânicas sobre como pular, ela vai, pelo vídeo, mostrar a linguagem verbal e corporal aí implicadas, um verdadeiro sistema semiótico complexo, que inclui, além das regras de como pular, como progredir no jogo, a construção de uma ação conjunta, que inclui a ação de julgar, a checagem do parceiro para ver se uma falta foi cometida, ou como dizemos em português, se “queimou”, se a linha foi pisada.

A pesquisadora descreve em detalhes a atividade coordenada representada por esse jogo infantil, atividade que implica o movimento do jogador no espaço do jogo,

no campo de ação, e o comentário sobre a performance durante o jogo. Assim, em lugar de entendermos esse jogo simplesmente como o deslocamento de um jogador com vistas ao sucesso, vemos uma participação ativa, do ponto de vista da palavra e dos movimentos do corpo, incluindo o do parceiro que, ao observar o outro, move-se de maneira a poder surpreender a falta e gritar “fora”, “queimou”. Ao mesmo tempo que todo o campo espacial/campo de ação é analisado, a partir de uma semiótica espacial, gestual, corporal, também a dimensão verbal aí envolvida é tratada incluindo as dêixis, a entonação, a duração e altura da voz, a argumentação e a dimensão lúdica, afetiva, mesmo no momento em que um jogador rende o outro. Portanto, a descrição não é apenas exaustiva, mas é inovadora e modifica a forma de ver essa brincadeira feminina.

Da mesma forma, em outro momento da pesquisa, em que estuda outras formas de interação em que crianças interagem com crianças e constroem identidades sociais, Marjorie vai revisar algumas formas estereotipadas sobre o feminino e as atividades que envolvem a construção social do feminino, e que estão nos livros didáticos, na mídia, em toda parte. Aí se inclui, por exemplo, a dualidade que, segundo ela, permeia grande parte das pesquisas psicológicas sobre os gêneros e que tendem a sustentar o seguinte dualismo: a fala das meninas é colaborativa e dos meninos competitiva. Apenas para demonstrar de que forma essa asserção, esse dualismo pode ser desconsiderado, basta conhecer o trabalho em que ela demonstra que as meninas praticam formas de exclusão social, de ridicularização, de vitimização e de marginalização da parceira, da *outra*, em seus jogos espontâneos. Estudando um grupo de meninas de 10 a 12 anos e a forma como esse grupo marginalizou uma das companheiras, ela destacou as linguagens corporais praticadas pelas meninas para realizar a vitimização do par.

A descrição de rituais de degradação, perversamente protagonizados por meninas, assim como o olhar sobre as formas de construção da diferença, fazem dos trabalhos de Marjorie um espaço de pesquisa muito importante para se compreender o papel das interações e das práticas de linguagem na construção do universo social. A sociedade de consumo, por exemplo, desempenha um forte papel nas interações focalizadas, marcando as diferenças por valores unicamente de consumo. Mesmo em grupos de meninas, as marcas de carro, o tamanho das propriedades da família, aparecem nas interações, destacando a prosperidade, a classe social como aspecto fundamental na construção da identidade.

Pela exposição vista aqui, um outro aspecto forte dessa pesquisa é o trabalho com interações em contexto familiares e que a pesquisadora documenta de maneira criteriosa, rigorosa, sistemática, possibilitando o conhecimento de como fala, entonação e corpo, assim como o espaço e tudo que ele contém, colaboram para a constru-

ção da inter-ação entre as pessoas.

Como analista de discurso que muitas vezes recorre à antropologia, à análise da conversação, à história e a outras ciências humanas e sociais para poder dar conta dos objetos e sujeitos de análise, eu gostaria, deste meu lugar, de levantar algumas questões que me parecem envolvidas nas interações focalizadas pelas pesquisas aqui apresentadas, pelas pesquisas que Marjorie tem desenvolvido e que colaboram para o avanço do conhecimento nessa área, e que poderiam interessar a todos que se voltam para a complexidade das atividades humanas, das interações, das praticas languageiras aí envolvidas.

Penso que o trabalho exaustivo com uma situação específica de interação, de co-construção de ações, de definição de identidades, e de delineamento do universo social, poderia ter continuidade, poderia ser ampliada, no sentido de entender essa situação não como uma dimensão recortada, isolada, mas ao mesmo tempo como produto e como produtora da maneira de ser social e cultural, como produto e como produtora dos discursos que circulam no entorno que as abriga e que é por elas produzido.

Penso, por exemplo, que as práticas de linguagens e as ações sociais que envolvem meninas, mulheres, pessoas do sexo feminino, e que estão muito bem situadas na pesquisa de Marjorie, assim como a interação entre pais e filhos, talvez pudessem ser pensadas também a partir do contexto maior para o qual elas apontam. Por exemplo, jogar amarelinha na rua, no pátio do colégio, no *playground*, implica uma atividade colaborativa, no sentido real do corpo a corpo e que certamente tem conseqüências para a construção de outras ações, das identidades, da vida em sociedade, considerando-se, por exemplo, que se dá num espaço aberto. Que discursos circulam aí e de que forma eles permitem aos participantes enunciarem-se como sujeitos de linguagem, sujeitos de ação, deixando ver ou construindo identidades? Em que contextos esse jogo ainda é possível e por que desapareceu de outros?

Por outro lado, nas interações pais filhos descritas, o sucesso ou não dos pais na condução dos filhos para uma determinada ação dependeu de uma série de fatores, todos muito bem descritos do ponto de vista da co-construção das ações aí envolvidas, das seqüências verbais, gestuais, entoacionais que lhes dão forma. Entretanto, se não podemos considerar como alguns estudos psicológicos que tudo pode ser explicado pelo estilo dos pais – mais agressivos, mais autoritários, mais tolerantes – o que não contribuiria para a compreensão da construção do caráter, da personalidade, das formas de agir e interagir dos filhos, não seria importante enxergar essa interação como parte de um contexto maior, isto é, um contexto para o qual a maioria dos movimentos dessa ação estão apontando e que podem ser recuperados ou sinalizados? É curioso observar, por exemplo, a obsessão da mãe pela higiene bucal e caseira e, ao mesmo

tempo, a forma quase histórica e teatral como ela conduz a necessidade da ação e a forma displicente como o pai participa do processo.

O discurso da obrigação percorre as interações, com sucesso em casos em que o afeto é positivo e fracasso nos casos em que o afeto está ausente ou é negativo. Não seria possível olhar para esses discursos e ver o que está lá fora e que vem para dentro da casa, interferindo diretamente nas formas de interação, nas práticas de linguagem e na construção do universo social? Acredito que em nenhum momento a educação, caseira e escolar, foi tão ineficaz quanto é hoje.

Queria terminar observando ainda que não apareceu, ao menos nesta exposição, a forma como as pesquisas são devolvidas a seu lugar de origem. Isto é, em que essas pesquisas contribuem para além dos muros acadêmicos? Digo porque do ponto de vista acadêmico elas representam um inegável avanço para conhecimento. Como, entretanto, os sujeitos envolvidos na pesquisa têm notícia da forma como interagem? Depois de filmar as meninas jogando *amarelinha*, por exemplo, as habilidades aí detectadas são transportadas para outras atividades, ou seja, os sujeitos que serviram de objeto da pesquisa podem usufruir dos resultados da pesquisa? E os pais e filhos? Eles têm condições de ver e rever suas interações?

Novamente, quero agradecer aos organizadores e a Marjorie por ter conhecido seu importante trabalho mais de perto.

Beth Brait  
PUC-SP/USP/CNPq